

SISTEMA FAEP



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXVIII nº 1250 - 03/03/2014 a 16/03/2014

Tiragem desta edição 24.000 exemplares



ECONOMIA

O PULMÃO DO PIB BRASILEIRO

BATATAS

A tecnologia chegou

HISTÓRIA

Barão do Serro Azul

BITURUNA

A terra do vinho

Aos Leitores



Os produtores rurais brasileiros deveriam ser recebidos com tapete vermelho e honras em Brasília. São eles os responsáveis pelo resultado do crescimento econômico de 2,3% do país em 2013, anunciado pelo IBGE. Não é um “pibão”, mas não é também um “pibinho” capaz de envergonhar o governo. A agropecuária nacional cresceu 7%, e os outros dois setores econômicos – serviços 2,0% e indústria 1,3%.

No mundo em crise econômica, onde os americanos começam se recuperar e a União Europeia, à exceção da Alemanha, ainda patina, esses números do ano passado do Brasil o colocam como em terceiro lugar entre os grandes países. Nossas riquezas alcançaram R\$ 4,84 trilhões ou cerca de US\$ 2 trilhões.

A média dos PIBs do mandato da presidente Dilma Rousseff (2011, 2012 e 2013) alcança perto de 2%, menor do que o período do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso – 2,3%.

O PIB/2013 comprova um Brasil que funciona para dentro das portas, porque para fora continuamos a nos ressentir da precariedade da infraestrutura e logística. Aliadas à infernal burocracia, esse trinômio emperra ao país e evita o sonhado “pibão” de Dilma.

Índice

PIB 2013	03
Batatas	06
Controle Biológico	10
PAP 2014/15	13
História	14
Vinhos de Bituruna	16
Escola de Avicultura	20
Notas	21
Drones	24
ADAPAR/FUNDEPEC	26
Homenagem à FAEP	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Fotos: Fernando Santos, Divulgação e Arquivo FAEP.

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Ivo Polo, Francisco Carlos do Nascimento, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Lisiane Rocha Czech **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon
Editor: Hélio Teixeira | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuel

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

A Fiel da balança

A agropecuária cresce e garante o PIB de 2,3%



Em 20 de dezembro de 2012, às vésperas do Natal, a presidente Dilma Rousseff já sabia que naquele ano o PIB brasileiro seria um “pibinho” – 1%, e jogava a bola para a frente, esperando que o crescimento do Brasil no ano passado provocasse um “pibão”.

No último dia 27 o IBGE não anunciou um “pibão”, mas também não foi um “pibinho”. Todas as riquezas do país alcançaram no ano passado 2,3%. Só não é um número ruim porque a agropecuária cresceu 7% e Dilma, por isso, deve dar graças a Deus que o agronegócio brasileiro continua sendo o salvador da Pátria...e de suas contas. Mesmo sendo maltratado fora das porteiras, o agronegócio vem sustentando os PIBs positivos nos últimos anos.

Esse crescimento em relação a 2012 foi o maior entre os setores avaliados pelo IBGE. A indústria registrou avanço de 1,3% e os serviços de 2%. Em valores correntes (em reais), a soma das riquezas produzidas em 2013 chegou a R\$ 4,84 trilhões e o PIB per capita (por pessoa) atingiu R\$ 24.065,00.

Dilma Rousseff tem um temperamento difícil e intramuros,

dizem, explosivo. As últimas semanas provavelmente alimentaram esse comportamento, porque não faltaram más notícias ao seu governo. Aqui dentro apagões com explicações que não convencem, balanço da Petrobrás mostrando um endividamento enorme, aumento dos juros para 10,75%, quando ela queria na faixa dos 7%. Lá fora os investimentos em Cuba com retorno duvidoso e a crise na Venezuela mostrando que a política externa que apoia o Mercosul e os estados bolivarianos não tem fundamentos, investidores apontando a economia brasileira como “frágil” e editoriais de jornais (Financial Times, de Londres) pedindo a cabeça do ministro Guido Mantega, da Fazenda, justificam o mau humor.

O anúncio do PIB na quinta feira (27) certamente fará o governo e os governistas a acusar opositores e críticos de “pessimistas” que desacreditam no Brasil. Mas na verdade o crescimento do PIB sob a administração Dilma (2,7% em 2011; 0,9% em 2012 e 2,13% em 2013) lhe dá uma média pertinho de 2%, porém menor do que no período de Fernando Henrique (2,3%).

O maior desde 1996

A gente vê que a agropecuária, olhando as três principais atividades, foi a que mais cresceu. É o maior crescimento anual desde 1996. O grande destaque foi a soja. A quantidade produzida aumentou 24,6% no ano e, como a área plantada cresceu bem menos (11,3%), ainda houve aumento de produtividade”, refletiu Rebeca Palis, gerente da Coordenação de Contas Nacionais do IBGE.

Na verdade o crescimento anual da Agropecuária é o maior desde 1996. O aumento na produção e os ganhos de produtividade em culturas importantes foram os fatores-chave para o crescimento de 7% no setor agropecuário no ano passado na comparação com 2012.

Na explicação sobre o PIB/2013, o IBGE informou que “o crescimento em volume do valor adicionado da agropecuária decorreu do comportamento de várias culturas importantes da lavoura que registraram aumento na estimativa anual de

produção e ganhos de produtividade”. De acordo com o IBGE, destacaram-se no comparativo anual (2013 para 2012) as culturas da soja, com crescimento de 24,3%, cana de açúcar (+10%), milho (+13%) e trigo (+30,4%). De outro lado, o IBGE registrou queda nas produções de café (-4,7%), algodão (-31,4%), laranja (-14,8%) e mandioca (-9,5%)

Ao todo, o PIB da Agropecuária no ano passado foi de R\$ 234,6 bilhões. A expansão da economia brasileira em 2013, de acordo ficou atrás apenas da China e da Coreia do Sul, que tiveram avanços de 7,7% e 2,8%, respectivamente.

O dado da economia chinesa foi igual ao de 2012, confirmando as expectativas de que a segunda maior economia do mundo (atrás apenas dos Estados Unidos) vem desacelerando. As exportações – ponto forte da China – estagnaram, por conta da redução mundial da demanda.

O fato de ser dono do terceiro PIB do planeta renderá municação para a propaganda oficial, que terá de se curvar, porém, aos verdadeiros responsáveis por isso: os produtores rurais brasileiros.





Infraestrutura e logística

Constantemente a FAEP recebe em Curitiba produtores norte-americanos e europeus que em comitiva são informados por técnicos do Departamento Técnico Econômico (DTE) sobre o panorama agropecuário do estado e do país. Alguns estão finalizando suas viagens iniciadas pelo interior, outros estão a caminho. Invariavelmente se surpreendem com a pujança do campo, mas ficam muito mais surpresos quando tomam conhecimento da precariedade da infraestrutura e logística existente em nosso território. Eles percebem nitidamente que nossa produção e produtividade são desgastadas e perdem competitividade na qualidade e custos do transporte rodo-ferroviário e portuário.

“O investimento em infraestrutura logística, seja por parte do governo, da iniciativa privada ou através de parcerias público privadas, é capaz de gerar benefícios para diversos agentes econômicos, em várias cadeias produtivas importantes para o país. Especialmente o investimento na infraestrutura logística do Paraná.

pode trazer ganhos não apenas aos produtores do estado como também àqueles situados em toda a região Centro-Oeste do país e no Oeste do Estado de São Paulo, já que esses territórios fazem parte da área de influência do Porto de Paranaguá”, constatava uma análise produzida pelo DTE/FAEP e pela Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz (ESALQ/USP) no ano passado.

Há poucos dias (veja BI 1249) a modernização do Porto de Paranaguá se viu emperrada por uma ação judicial dos operadores do Porto na Justiça Federal. O governo federal ignorou seu Plano de Desenvolvimento e Zoneamento, inventou um novo projeto e encalhou o porto paranaense. O Porto de Santos, o maior do país, é frequente nos noticiários das TVs com seus acessos entupidos. Rodovias e ferrovias ganham notícias em jornais, mas ficam no papel – exemplo claro é a já famosa ferrovia Maracajú-Paranaguá, apesar do Paraná ser o responsável por 20% da produção nacional de grãos. Com todas as dificuldades porteira afora, a agropecuária segurou as pontas da economia nacional, imagine-se com boa logística e infraestrutura. Pode render até um “pibão”.

Batatas. E que batatas!

Tecnologia e comercialização o segredo desses produtores

Por Katia Santos | Fotos: Fernando Santos



“É um orgulho ver meu neto tão dedicado nos negócios”. Isidoro Dzierwa

Quem teve iniciativa de produzir batatas com tecnologia, aproveitando resultados de pesquisas e administrando bem a propriedade, fez um bom negócio.

Um exemplo de sucesso vem do município de Contenda com a família Dzierwa, que começou a produzir batata há 69 anos, tendo como patriarca da Isidoro Dzierwa, 83 anos. Atualmente quem gerencia os negócios da família é o filho Emilio, responsável pela comercialização e o neto Alexandre 26 anos, formado em Agronomia, que administra o plantio, a colheita e os empregados.

Descendente de poloneses, Isidoro, além de produtor rural, sempre teve um viés muito forte para comercialização. “Quando começou a atividade meu avô ia até Curitiba de caminhão vender a produção de batata. Com a competitividade do mercado expandimos nossa produção e hoje produzimos batata em vários municípios – Lapa, Contenda e Palmeira”, conta Alexandre Dzierwa.

Por ano a família cultiva 400 hectares de batata em áreas arrendadas para garantir a rotação de plantio de no mínimo três anos. A área é dividida em: 80 hectares para a reprodução de sementes, que são importadas da Argentina, Holanda e Chile; 40 hectares para

a produção de batata de mesa e 280 hectares, para a produção de batatas destinadas a indústria, onde são cultivadas as variedades FL 2027 FritoLay americana e Atlantic.

Elma Chips

O Grupo Dzierwa é um dos sete grupos de produtores no Paraná, que fornecem, com exclusividade batata, para outro grande grupo o Pepsico, fabricante da batatinha Elma Chips. No pico da safra, são lavadas, separadas e entregues, por dia, de seis a oito cargas cada uma com 30 toneladas de batata específicas para a produção de batata frita.

“São variedades específicas desenvolvidas especialmente para a indústria com características próprias para a fritura. A principal exigência da indústria é o alto teor de matéria seca, que nessas variedades oscilam de 17 a 20%. Para a preparação de frituras as batatas devem possuir baixo teor de açúcar redutor (máximo 0,2%), ou seja, têm menos água na sua constituição”, explica Alexandre.



Mecanização

A cultura da batata tradicional era feita de forma manual, tanto no plantio como na colheita, o que restringia a produção a pequenos produtores. Uma safra de batata exige, segundo especialistas, três vezes mais trabalho que uma safra de soja. Com as novas demandas de mercado os grandes produtores tiveram que buscar a mecanização.

Alexandre avalia que o mercado de batatas se transformou muito nos últimos cinco anos. “Por isso investimos em tecnologia para garantir a sustentabilidade da produção e reduzir custos. Hoje como a mão de obra na área rural anda muito escassa usamos máquinas agrícolas”.

Em um dia de trabalho no plantio da batata utilizando duas plantadeiras e oito trabalhadores ele consegue plantar 15 hectares. Antes da mecanização o produtor precisa de 40 pessoas para cultivar 10 hectares em um dia. “Alguns produtores podem até atingir uma área maior por dia, mas eu prefiro plantar com qualidade e controlar rigorosamente as distâncias entre a cova de um tubérculo e outro”.

Além de investir na mecanização, Alexandre também apoia o desenvolvimento de pesquisas. Um dos exemplos é a parceria com o pesquisador Nilceu Ricetti de Nazareno, do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar) no desenvolvimento da variedade BRSIPR Bel. “Nós cedemos a terra, o adubo e a mão de obra. Infelizmente nosso governo não trata o agronegócio com o respeito que ele merece e cabe a nós produtores apoiarmos os institutos de pesquisa como dá”, revela.

Todo ano o Grupo Dzierwa importa o equivalente a cinco hectares em sementes de batata. Com dois replantes ele consegue produzir sementes da variedade Atlantic para 120 hectares. O restante da área é destinada ao plantio para indústria (160 ha) é cultivada com uma variedade entregue pela indústria Pepsico a FL 2027 FritoLay americana.

A batata de mesa é o ‘pôquer’ do produtor. Você pode vender a 20 reais o saco com 50 quilos ou 100 reais, depende do mercado.

Oásis de tecnologia

Outro grande produtor paranaense é Sergio Soczek que se especializou em produzir suas próprias sementes na propriedade às margens da BR-476, entre Araucária e Contenda, a chamada Rodovia do Xisto.

Soczek construiu um verdadeiro oásis de tecnologia onde são produzidas por ano, em 4 mil metros quadrados de estufas, mais de dois milhões de minitubérculos ou sementes puras de batata no sistema hidropônico.

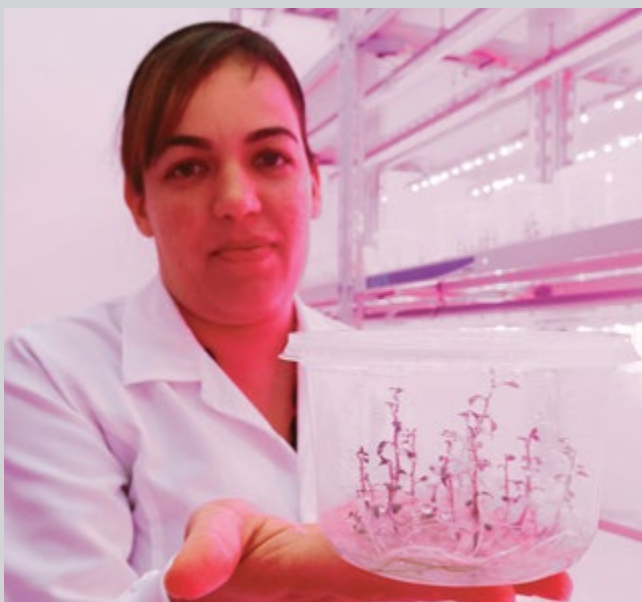
O controle é feito por um laboratório de micropropagação *in vitro* e a produção é transferida a uma outra propriedade em Minas Gerais e outra em Palmas, no sul do Paraná. Atualmente Soczek trabalha com as cultivares Ágata, Cupido Asterix e Atlantic.

“A produção de sementes e mudas a partir da cultura de tecidos vegetais de plantas é o grande investimento do produtor de batatas. É dessa forma que o produtor obtém material livre de viroses e outras doenças”, explica a engenheira agrônoma Solange Mendanha Borges, responsável técnica pela produção de sementes e mudas. Solange explica que o ciclo de produção dos minitubérculos é semelhante ao da batata no campo de 70 a 110 dias dependendo da cultivar.

Na sequência de fotos as etapas de produção das sementes e mudas livre de vírus pelo cultivo in vitro.



1 - A agrônoma seleciona os tubérculos que vão formar o matrizeiro. A partir das brotações apicais (múltiplas), que são divididas e desinfestadas em seguimentos menores, são retirados os meristemas (zonas da planta onde o crescimento pode ocorrer, algo como as células tronco dos animais), todo o processo e feito dentro da câmara de fluxo laminar. Após 70 dias esses meristemas viram plântulas e são submetidos a testes de viroses. No laboratório os meristemas são expostos à luz de Led por no máximo 16 horas por dia e a temperatura de 20 a 25 graus.



2 - As plântulas são multiplicadas por repicagem do material de acordo com a necessidade e demanda de mudas do produtor.



3 - As mudas prontas são aclimatizadas e depois plantadas nas bancadas dentro das estufas. Ao final cada plântula pode se transformar em 15 ou 20 tubérculos no processo de hidropônico.



4 - Quando atingem o tamanho ideal, nas estufas os minitubérculos são colhidos e podem ser mantidos por até oito meses em câmara fria com temperatura de 4 a 5 graus. E depois são encaminhados para plantio na propriedade.

Pesquisa IAPAR



O processo de pesquisa de uma nova cultivar de batata requer paciência e muito trabalho. É o caso da cultivar BRSIPR Bel, desenvolvida em parceria entre a Embrapa Unidade Pelotas e Iapar Unidade Lapa pelo pesquisador Nilceu Ricetti de Nazareno. As pesquisas começaram em 1999 e foram concluídas em 2012 quando a variedade foi lançada. No primeiro ano o pesquisador recebeu as 10 primeiras famílias clonais (são sementes criadas a partir das flores que surgem nos pés de batata) produzidas pela Embrapa.

“Infelizmente nosso governo não trata o agronegócio com o respeito que ele merece e cabe a nós produtores apoiarmos os institutos de pesquisa”.

Essas sementes foram plantadas e geraram as primeiras 5 mil amostras de tubérculos. Após a safra é feita uma seleção onde são descartados 98% das amostras. Em seguida o pesquisador inicia outro plantio que se repete por, pelo menos três gerações, testando e avaliando vários itens como: adaptação ao clima, resistência a doenças, produtividade, beleza, profundidade de olho, aparência, teor de matéria seca, película, avaliação de esverdeamento do tubérculo etc. Ao longo desse período o pesquisador avaliou e testou cerca de 140 mil tubérculos.

Diferentes batatas

De acordo com a Associação Brasileira da Batata (Abba) a batata é o quarto alimento mais consumido no mundo, depois do arroz, trigo e milho. No Paraná, a Secretaria da Agricultura estima que a safra 2013/14 será de 828 mil toneladas. Os municípios que lideram a produção são: Castro, Guarapuava e Lapa. Hoje o mercado da batata oferece quatro opções de produção ao produtor rural: a batata de mesa; a batata orgânica; para indústria (chips, palha, pré-frita e desidratada) e a produção de sementes.

Nutricionistas da FAO afirmam que uma dieta composta de batata e leite poderia suprir, em caráter de emergência, todos os nutrientes de que o organismo humano precisa para se manter.

História

A batata (*Solanum tuberosum* L.) é originária dos Andes peruanos e bolivianos onde é cultivada há mais de 7.000 anos. Recebe diferentes nomes conforme o local: araucano ou Poni (Chile), lomy (Colômbia), Papa (Império Inca e Espanha), Patata (Itália), Irish Potato ou White Potato (Irlanda).

A batata foi introduzida na Europa antes de 1520 sendo responsável pela primeira revolução verde no velho continente: os ingleses incendiavam os trigais e matavam os porcos criados pelos irlandeses, levando o povo à miséria, entretanto a batata resistia ao pisoteamento das tropas, às geadas e ficavam armazenadas no solo.

Há batatas e batatas



Aquelas “batatas” vendidas em tubos nos supermercados não são somente batatas, contém outros componentes. A natureza é pródiga, mas ainda não conseguiu a produção de batatas com diâmetros absolutamente idênticos para serem enfiadas nos tubos. Já as vendidas em pacotes são só batatas fritas. Podem crer, é batata...

A alternativa inteligente

Os bons resultados alcançados nas lavouras com o controle biológico de pragas

Por Katia Santos



O ácaro predador é cultivado em estufas para combater o ácaro rajado que ataca as plantações

Existem bons exemplos que demonstram como o produtor rural é um bom zelador do meio ambiente. Um deles é a utilização, há 40 anos no Brasil, do controle biológico, ou o uso de produtos com agentes biológicos (insetos) e microbiológicos (bactérias, fungos e vírus) no controle de doenças e pragas nas lavouras.

Atualmente o mercado brasileiro de produtos biológicos movimentava por ano R\$ 200 milhões, o que representa apenas 1% do mercado de defensivos agrícolas. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) estima que nos próximos 10 anos o mercado de biológicos no Brasil seja de 15%.

No Brasil atuam 22 empresas com 60 produtos biológicos registrados para controle de pragas, o que representa 5% dos produtos registrados no País. Os números são da Associação Brasileira das Empresas de Controle Biológico (ABCBio). Em algumas regiões da Europa, como o Sul da Espanha, por exemplo, o uso desses defensivos chega a 40% em relação aos defensivos químicos.

A publicação do ato nº 6, pelo Mapa, no dia 23 de janeiro

desse ano, pode impulsionar o mercado de biológicos no Brasil. A avaliação é do presidente da ABCBio, Gustavo Herrmann. “Na prática essa publicação permite que o produtor rural utilize um defensivo biológico, que antes era utilizado apenas para uma cultura, em outras culturas que estejam sendo atacadas pela mesma praga, fungo ou inseto”, afirma.

Essa alteração nos rótulos e bulas dos produtos biológicos foi provocada a partir de uma solicitação da ABCBio, que encomendou um estudo científico à Embrapa sobre o uso dos produtos biológicos. “A conclusão do estudo apontou que os produtos biológicos não têm interação com a planta e apenas com a praga e por isso não são tóxicos”, completa.

Herrmann aponta também outra possibilidade para o uso dos produtos biológicos - o manejo de resistência à aplicação. “Quando um produtor usa seguidamente um defensivo químico na lavoura acaba criando uma resistência daquela praga ao defensivo. Ele pode aplicar esse defensivo químico junto com um biológico e promover um equilíbrio no campo”, explica.

Nova fronteira

A publicação do Mapa beneficia os horticultores, pois é pequeno o número de produtos liberados para essas culturas, que também são chamadas de “minor crops”.

“Os produtos biológicos são a fronteira da ciência, pois são altamente eficientes e específicos para os alvos ou as pragas para que foram desenvolvidos. Eles são o desejo de todo produtor e agrônomo”, avalia o engenheiro-agrônomo do Mapa, Carlos Ramos Venâncio.

O técnico aponta outras vantagens dos produtos biológicos: a segurança para o trabalhador que aplica, por não serem tóxicos, pois já estão presentes na natureza, e, sem efeitos colaterais em relação a outros insetos que são benéficos às culturas.

“Quando um produtor aplica um determinado agrotóxico para uma lagarta ele acaba matando outros insetos que tem efeito positivo na lavoura, como, por exemplo, a joaninha que é um predador natural de vespas e percevejos”, explica.

Diferenciação

No Paraná produtores rurais utilizam produtos biológicos não apenas como uma opção consciente e eficaz, mas também

como uma forma de diferenciar sua produção e obter um retorno financeiro melhor. Como é o caso do produtor de grãos Ivo Arnt Filho, do município de Tibagi.

“Conheci essa prática em uma viagem técnica promovida pela FAEP à Farm Show, em 2002. O uso de produtos biológicos é totalmente viável na grande propriedade quando adotamos o Manejo Integrado de Pragas e Doenças. Com essa prática consegui recentemente o Certificado ProTerra de Sustentabilidade Ambiental e Responsabilidade Social para minha produção o que me rendeu um aumento de 10% no preço final do grão”, diz.

Arnt conta que o uso de produtos biológicos na cultura da soja permitiu que ele tivesse uma redução de 20% com o custo de aplicações com fungicidas e inseticidas. “Para combater alguns tipos de fungos que atacam a soja utilizo outro fungo o Trichoderma, que também auxilia no combate da ferrugem asiática e fusarioses. O número de aplicações por safra cai de seis para duas aplicações”.

Além do Trichoderma, Arnt também pulveriza na lavoura da soja sulfato de cobre e Bacilos BT um inseticida que age contra a lagarta da soja e até sal de cozinha dissolvido em algumas faixas da lavoura para atrair um tipo de percevejo. Para controlar a lagarta helicoverpa ele plantou no meio da lavoura de soja pequenas áreas com legumes ou feijão-guandu ou feijão-de- porco. “Esses alimentos são verdadeiras guloseimas para essas lagartas e tem dado certo”, finaliza.



Ivo Arnt

Nos pomares

Outra cadeia que utiliza, a mais de uma década, produtos biológicos no Paraná é a fruticultura. O produtor Paulo Cosmo, que produz maçã, ameixa e pêssego na região de Curitiba (Campo Largo/Lapa) conta que uma das pragas combatidas nos pomares do Paraná é o ácaro rajado (*Tetranychus urticae*) combatido por outro tipo de ácaro o predador (*Neoseiulus californicus*).

A técnica foi difundida no Paraná pelo professor/doutor Lino Bittencourt Monteiro, do Departamento de Fitotecnia e Fitossanitarismo da UFPR, em 2002. Um grupo de sete fruticultores organizou e montou um consórcio, que produz e fornece, continuamente o ácaro predador, para esses fruticultores que têm propriedades de Curitiba até Palmas.

O produtor conta que no caso da fruticultura o controle biológico não traz redução de custo, “mas essa ferramenta é fundamental para mantermos o controle de outros insetos nos pomares, e ainda trazer mais segurança para o trabalhador rural e a questão ambiental”.

Cosmo, que também é engenheiro-agrônomo, conta que os produtores também fazem o monitoramento de insetos nos pomares com armadilhas em PVC. “A contagem é feita duas vezes por semana e controlamos os insetos com a aplicação de feromônios”, finaliza.

Produzindo ácaros...

O ácaro predador é cultivado em duas estufas subdivididas em 16 salas. Quem coordena essa produção é o técnico agrícola Luiz Carlos Blaka. Cada ciclo leva em média 40 dias e é feito em lotes com 70 vasos. O ciclo começa com o plantio de sementes selecionadas de feijão preto (graúna ou tizil) nos vasos. Além de controlar a umidade, sol e calor ele também combate a praga Tripes (Ordem Thysanoptera) do feijão. Após esse período acontece a germinação, que leva 10 dias verão ou 15 dias no inverno. No inverno o técnico utiliza aquecedor para manter a temperatura média na estufa de 20 graus.

Após esse período o feijão, que já tem a segunda folhagem é podado. Quando os pés atingem seis folhas é introduzido o ácaro predador nas folhas. Após 40 dias, que o predador está bem desenvolvido nas folhas de feijão é feita a poda e entregues aos produtores rurais.

“Nós dividimos o matrizeiro em três níveis de intensidade de contaminação com o ácaro predador – fraco/médio/forte. O ideal é que cada folha tenha em média 40 a 50 ácaros. Assim o resultado ao produtor será eficiente”.

Na propriedade as folhas povoadas com o ácaro predador são depositadas sob as macieiras que se encarregam de ‘dar conta’ dos ácaros rajados que estão no pomar.



Cultivo de feijão para reproduzir o ácaro predador



Criadouro do ácaro predador



Poda das folhas de feijão contaminadas com o ácaro predador



Colocação do ácaro predador nas macieiras

Nas mãos do Governo

Seab, FAEP, Ocepar e Fetaep entregam propostas do Plano Safra 2014/15



O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, participou na terça-feira (25) da entrega das propostas para o Plano Safra 2014/15 aos diretores da Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Wilson Vaz de Araujo e Edilson Guimarães e o representante do Ministério do Desenvolvimento Agrário João Luiz Guadagnin, no auditório da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab). As propostas foram elaboradas em conjunto por técnicos da FAEP, Seab, Ocepar e Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep).

O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR destacou três pontos: a importância do governo federal liberar recursos suficientes para o seguro rural na época correta, permitindo que os produtores contratem o seguro antes do plantio; a garantia de preços mínimos que cubram os custos de produção mantendo assim o estímulo aos produtores rurais e a manutenção de estoques reguladores por parte do governo federal.

“O Paraná é o Estado que mais contrata seguro rural, mas os recursos precisam chegar no momento correto, para que o produtor consiga investir com segurança na produção agrícola. Quanto maior o número de produtores contratando seguro mais acessível essa ferramenta ficará. O seguro é fundamental para o produtor enfrentar sem receio as intempéries climáticas que tanto prejudicam a agricultura”, disse.

Contexto econômico

O diretor de Política Agrícola do Mapa, Wilson Vaz de Araújo, elogiou as propostas entregues pelas entidades do agronegócio do Paraná e a Seab. “O Paraná sempre contribuiu muito com o governo federal em relação ao Plano Safra, isso porque a construção das propostas é um processo coletivo. Mas esse ano o contexto econômico não nos permite muitas concessões em relação a redução de taxas de juros nos vários programas de atendimento aos produtores rurais”, comentou.

Vaz explicou que o governo efetuou um corte de 25% no orçamento e a taxa Selic (que é taxa básica de juros da economia brasileira) esse ano está 40% maior que o índice do ano passado. “Isso restringe muito a flexibilização do governo quanto à redução de juros de empréstimos”.

Ele também citou a elevação das taxas de câmbio e os índices de inflação, que esse ano estão mais próximos da meta estipulada pelo governo federal. “Mas poderemos avançar em outros itens, como por exemplo, o limite para financiamento de custeio definindo um limite por ano civil para cada produtor”, finalizou.

A íntegra das propostas elaboradas estão no site do Sistema FAEP/SENAR-PR: www.sistemafaep.com.br

De traidor a herói da Pátria



O proprietário rural, empresário e político Ildelfonso Pereira Correia, o barão do Serro Azul, nasceu em Paranaguá em 6 de agosto de 1849 e foi assassinado em 20 de maio de 1894. Ele foi uma espécie de Barão de Mauá, o símbolo do empreendedorismo nacional no século XIX.

Durante quase cinco décadas, porém, o barão de Serro Azul foi considerado traidor. Os seus atos foram banidos da história oficial do estado do Paraná, documentos foram arrancados, referências apagadas. Hoje ele é um dos heróis da Pátria – seu nome está no Livro dos Heróis da Pátria, o livro de Aço (BI 1247) depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília.

Sua memória começou a ser regatada em 1942, quando foi publicada a biografia “O Barão de Serro Azul” escrita por Leôncio Correia. Quarenta anos depois surgiu outro livro “A Última viagem do Barão do Serro Azul” do escritor e político Túlio Vargas, baseado nessa obra, o cineasta Maurício

Appel produziu o filme “O Preço da Paz”, em 2003, onde o ator Herson Capri interpretou o barão e Lima Duarte fez o papel do

general Gumercindo Saraiva.

Serro Azul era filho do tenente-coronel Manuel Francisco Correia Júnior e nasceu quando seu pai foi destituído de todos os seus cargos públicos por ter imprimido um manifesto solicitando a separação da comarca de Curitiba da província de São Paulo. Fez o curso de Humanidades no Rio de Janeiro, e com 24 anos, mergulhou no comércio de erva-mate.

Aos 27 anos, em sociedade, instalou seu primeiro engenho de erva-mate em Antonina. Quatro anos depois viajou aos Estados Unidos para exibir seus produtos na Exposição Americana. Tornou-se o maior exportador de erva-mate do Paraná e maior produtor de erva-mate do mundo.

Ao ser candidato a deputado provincial pelo Partido Conservador misturou suas atividades com erva-mate, serrarias e exportação de madeira, tipografia, jornais com sua grande “cachaça” – a política. Em 1º de julho de 1890 ajudou a fundar a Associação Comercial do Paraná, tornando-se seu primeiro presidente.

Pica-paus e maragatos



Abolicionista convicto, quando se tornou presidente da Câmara Municipal de Curitiba, comprometeu-se publicamente a promover a emancipação dos escravos do município.

Em 8 de agosto de 1888, recebeu da princesa Isabel, então regente do Brasil, o título de Barão do Serro Azul. Enquanto ele ia de vento em popa nos negócios e exercia sua forte liderança política, o Brasil vivia as tormentas do fim do Império e a Proclamação da República.

Os gaúchos, que não deram tréguas ao imperador Dom Pedro II, seguiram essa trajetória na República recém-instalada. O Rio Grande do Sul se viu tomado por dois grupos políticos antagônicos no início da República brasileira. De um lado estavam os maragatos, que defendiam as proposições do Partido Federalista. E, de outro lado, estavam os pica-paus, apoiadores de Júlio de Castilhos, chefe do Partido Republicano no Rio Grande do Sul. Os maragatos promoveram a dominação da fronteira e exigiram que Júlio de Castilhos fosse deposto. Este havia sido eleito pelo povo, em voto direto. Mas os maragatos queriam sua saída do poder e ainda almejavam a realização de um plebiscito em que a população pudesse escolher pelo tipo de governo que desejavam.

Cerco da Lapa

Liderados por Gumercindo Saraiva, os maragatos desfecharam uma série de ataques relâmpagos a vários pontos do Estado gaúcho e avançaram em direção a Santa Catarina e ao Paraná. Contaram com o apoio do almirante Custódio de Melo que chefiou a Revolta da Armada (1891) e tomou a cidade de Desterro, atual Florianópolis, declarando a capital do país.

Gumercindo e Custódio de Melo queriam derrubar o

Marechal Floriano Peixoto, segundo presidente republicano. No entanto, as tropas terrestres gaúchas rebeladas não conseguiram chegar a Curitiba, sendo contidas no famoso Cerco da Lapa, onde por 26 dias as tropas republicanas (legalistas ou pica-paus), resistiram, mas sucumbiram pela falta de munição e comida. A lendária batalha, porém, deu tempo ao Marechal Floriano Peixoto, chefe da República, suficiente para reunir forças e deter as tropas federalistas.

Mas os maragatos marcharam para tomar Curitiba. Houve pânico na capital e o general Pego, comandante militar da cidade, picou a mula, fugiu, abandonando trens carregados de material bélico. Devido ao abandono de Curitiba pelas tropas legalistas, a cidade passou a ser dirigida por uma Junta Governativa presidida pelo barão do Serro Azul.

Ele fez um acordo com os revolucionários que protegesse a população de violências, saques e estupros. As tropas legalistas se reagruparam, receberam reforços e o comandante Gumercindo Saraiva e recuou para o sul, abandonando Curitiba. As tropas governamentais reocuparam a cidade e, no dia 16 de outubro de 1893, o novo governador do Paraná, Vicente Machado da Silva Lima, anunciou o estado de sítio em Curitiba.

Embora tenha salvo a população de Curitiba dos revolucionários que tinham o hábito de degolar prisioneiros, Serro Azul foi acusado de colaboracionista com os maragatos. Na madrugada do dia 20 de maio de 1894, o Barão de Serro Azul e outros cinco prisioneiros foram retirados da prisão e levados à ferroviária de Curitiba, sob o pretexto de embarcarem em Paranaguá em um navio da Marinha com destino ao Rio de Janeiro, onde seriam julgados.

O comboio parou no km 65 da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá e foram arrastados para fora do vagão pelo pelotão de escolta. Todos foram assassinados. O barão do Serro Azul recebeu um tiro na perna, caiu de joelhos e tombou com uma bala na testa.



Os Vinhos de Bituruna

Produção da bebida se amplia e ganha força com a união dos vinicultores

Por André Amorim | Fotos: Fernando Santos



Quem chega a Bituruna é saudado, logo na entrada, por um monumento no formato de um garrafão de vinho com a frase “Bituruna, terra do vinho”. A importância da bebida para o município do sul paranaense também está presente nos cachos de uva no brasão da cidade, na cor roxa da sua bandeira e nas festas do Vinho e da Uva, que já se tornaram tradição na região.

Hoje Bituruna abriga quatro vinícolas e 117 produtores de uva. A vocação para a produção de vinhos se explica pela presença de descendentes de italianos, que vieram do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX, trazendo na bagagem, além da técnica e dos equipamentos necessários para a produção da bebida, as primeiras mudas de parreira. O clima subtropical e as configurações de solo e relevo fizeram com que a atividade prosperasse e criasse raízes fortes nas novas gerações de viticultores e vinicultores.

A produção de uvas de Bituruna neste ano deverá ser de 1.050 toneladas. Segundo a Emater trata-se de um aumento de 22% em relação ao ano passado, quando uma geada tardia comprometeu parte dos parreirais. A atividade se espalha por 108 hectares em

produção e outros 19 hectares em formação, que deverão levar ainda de um a três anos para passar produzir comercialmente.

Na opinião do secretário de Agricultura do município, Mário Zampieron, a produção local de vinho passa hoje por uma fase de afirmação dos produtores. “Não é uma fase de expansão, e sim de consolidação, aqueles que conseguiram produzir uva e vinho com qualidade permaneceram”, afirma. Segundo ele, a constante qualificação dos produtores, através de cursos do SENAR-PR, vem possibilitando uma produção mais profissional. “Isso confere mais qualidade aos produtos”, avalia.

As uvas produzidas em Bituruna variam das tradicionais Bordô, para os vinhos tintos de mesa, às Niágara e Casca-dura para os vinhos brancos, além de uvas finas, como Merlot e Cabernet Sauvignon que aos poucos vão ganhando espaço nos parreirais, apontando para um aprimoramento da qualidade dos produtos e uma busca de mercados mais exigentes. Outras variedades, como Isabel, Goethe, entre outras, também encontram espaço na produção local.

Futuro promissor

Apesar da história do vinho de Bituruna vir de longe, na última década houve um salto importante para consolidar a produção da bebida na região. Segundo o presidente da Associação dos Produtores de Uva e Vinho de Bituruna (Apruvibi), Claudinei Bertoletti, em 2001 a administração municipal criou a Festa do Vinho, que, ao lado da tradicional Festa da Uva, passou a servir como vitrine da produção local. A regularidade não é o forte do evento, que em 2013 realizou sua 8ª edição, 12 anos depois da criação. “Já ficou quatro anos sem acontecer, às vezes é de dois em dois anos”, explica o dirigente, que acredita a inconstância da festa às administrações que

se sucederam no município e não apoiaram a iniciativa.

Apesar deste percalço, Bertoletti afirma que a produção e o mercado para os vinhos de Bituruna estão em franca expansão. “A demanda cresce anualmente, alguns colegas novos com capital estão partindo para o setor de uvas finas e existe uma grande expansão na área de suco de uva”, observa.

O dirigente é otimista ao observar que as vinícolas trilham um caminho de modernização e aperfeiçoamento dos processos. “Uma começa com uma coisa nova e acaba puxando as outras, que não querem ficar para trás. Com isso elas acabam se ajudando”, diz ele, que vê entre as empresas um clima mais de parceria do que de concorrência. “Todos queremos divulgar o vinho de Bituruna”, afirma.



Um dos grandes diferenciais do vinho de Bituruna é a uva casca-dura



Novas gerações: Com apenas 22 anos Michele Bertoletti já atua profissionalmente na produção de vinhos

União e tradição

Um dos exemplos mais claros de como a sinergia entre os agentes econômicos gera bons resultados é a Vinícola Sanber, formada pela união de duas famílias com longa tradição na produção de vinhos no município: os Sandi e os Bertoletti.

Essa história começou com o patriarca Giovanni Sandi, que veio de Antônio Prado (RS) no início do século passado, com a família e algumas mudas de parreira. “No começo foi muito difícil, não tinha nada aqui, era tudo mato”, recorda Dothilo Sandi, filho de Giovanni, que chegou menino na nova cidade. Ele conta que os primeiros gaúchos que vieram para a região onde hoje está Bituruna (o município só foi emancipado de Palmas em 1954) voltaram para o Rio Grande do Sul divulgando uma terra de oportunidades magníficas, o que era uma verdadeira enganação. “Diziam que não tinha pedra, que a terra era plana, aí quando você chegava aqui via que não era nada daquilo, mas não tinha mais como voltar”, relembra.

A filha de Dothilo, Suzana Sandi, casou-se com Mauro Bertoletti e daí surgiu a Sanber (formada pelo início dos dois sobrenomes). Hoje a produção de vinhos está na quarta geração de vinicultores, com os bisnetos do desbravador Giovanni, trabalhando no negócio. Formada como Tecnóloga em Viticultura e Enologia, Michele Bertoletti, de 22 anos, já atua profissionalmente na empresa da família e encampa novos projetos, mostrando que as novas gerações renovam a forma de fazer vinho e fortalecem a tradição.

Atualmente a vinícola Sanber produz cerca de 60 mil litros de vinho por ano. São oito tipos diferentes da bebida já registrados, e

outros três em fase de teste. A partir desta safra também começará a ser produzido suco de uva. Segundo os dirigentes, o foco da empresa hoje não é expandir a produção, mas sim aumentar a qualidade dos produtos, estratégia que já vem se desenvolvendo com a adoção de uma linha de vinhos feitos a partir de uvas finas, como Merlot e Cabernet Sauvignon. “Nós não expandimos mais mercado por falta de produtos”, afirma Michele. Segundo ela, hoje a produção é consumida praticamente integralmente na região.

Dentre os produtos, destaca-se o vinho feito a partir da Casca-dura, uma uva branca bastante incomum e rara, encontrada em Bituruna e no Sul de Santa Catarina. “É uma uva autóctone, bastante exigente, produz um vinho leve, jovem e excelente para o verão”, avalia Michele.

Na propriedade da família de 80 hectares existem cinco vinhedos, um deles com mais de 70 anos, que abriga as parreiras trazidas pelo patriarca Giovanni. A divisão das culturas ajuda a escalonar a produção e a se proteger de intempéries. “Temos vinhedos a 1600 metros de altura e outros a 960, às vezes dá geada em um e não dá no outro”, explica Mauro Bertoletti, administrador da vinícola.

Além da produção própria, a Sanber trabalha com 18 produtores de uva da cidade. Recentemente a empresa obteve certificação em Segurança Alimentar e também no Programa Alimento Seguro (PAS), que, segundo os proprietários, deverá ter impacto na qualidade dos produtos. Essa trajetória pelo aperfeiçoamento das práticas de produção começou em 2002 com o curso Trabalhador na Administração de Empresas Agrossilvipastoris do SENAR-PR. “Foi quando começou a profissionalização da empresa”, lembra Mauro.



Da esquerda para direita Dothilo Sandi e a esposa Frida, Mauro Bertoletti e a esposa Suzana e a filha do casal Michele Bertoletti

Alavanca do Turismo

Hoje praticamente metade da produção da Sanber é comercializada durante as visitas de turistas que fazem o chamado “Caminho do Vinho”, que percorre as quatro vinícolas da região. O passeio na vinícola dura aproximadamente duas horas, durante este tempo os visitantes podem chupar uva debaixo dos parreirais, conhecer o processo de produção atual, além, é claro, de provar diferentes tipos da bebida.

Outro atrativo é visitar um museu do vinho, localizado sob a casa construída pelo patriarca Giovanni, onde é possível verificar como era a produção artesanal realizada no início do século passado. Todos os objetos e equipamentos utilizados para a produção da bebida, na época apenas para consumo próprio, estão preservados no local.

A iniciativa do “Caminho do Vinho” partiu de um grupo de empresários do setor vitícola, restaurantes e hotéis, que se organizaram para potencializar o turismo rural na região. Nesse processo, mais uma vez o SENAR-PR teve papel fundamental através do curso de Turismo Rural. “A partir deste fortalecimento do setor, o poder público começou a enxergar a importância deste trabalho e passou a incentivar também”, conta Mauro.



Utensílios da época podem ser encontrados no museu da vinícola



O casarão erguido pelo patriarca Giovanne tornou-se um museu da história do vinho de Bituruna

A Escola da avicultura

No CTA de Assis Chateaubriand um modelo de treinamento



Ao sobrevoar o oeste e sudoeste paranaense se tem a dimensão da importância da avicultura no Paraná. É fácil identificar, vizinhas às lavouras de grãos, os alojamentos de diversos tamanhos compondo o cenário das propriedades. A avicultura concentra mais de 18 mil produtores em todo o Estado, que abastecem frigoríficos responsáveis pelo mercado interno e exportações paranaenses que atingiram US\$ 7,91 bilhões no ano passado. O valor representa 29,51% de US\$ 616,8 milhões exportados pelo país em 2013, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

Ou seja, é coisa para profissionais. Pois é para profissionalizar e modernizar a criação de frangos que o SENAR-PR, desde 2007, oferece o treinamento Trabalhador na Avicultura de Corte – Manejo de Frango de Corte. Como tudo nessa vida se inova, vem aí uma nova capacitação na área de operação e manutenção de equipamentos aviários visando melhoria da ambiência, produção e bem estar das aves. No Centro de Treinamento (CTA) de Assis Chateaubriand, localizado na região que concentra o maior plantel paranaense, será implantando uma estrutura de treinamento em modelo de aviário. O projeto é resultado de uma parceria entre SENAR-PR, integradoras avícolas e fabricantes de equipamentos - Plasson, Agrobona, Avioeste, Debona e Tecnoesse , entre outras.

“Pela primeira vez um treinamento será ofertado nesta modalidade em todo o país. O projeto é inovador, com o objetivo de tornar a nossa avicultura ainda melhor, oferecendo capacitações no conjunto que envolve todo o bem estar da ave e a utilização e

manutenção correta dos equipamentos”, explica o superintendente do SENAR-PR, Humberto Malucelli Neto.

Segundo ele, a metodologia da capacitação que está sendo desenvolvida será oferecida a produtores de todas as avícolas paranaenses. A construção da estrutura começou em fevereiro deste ano e a previsão é que o treinamento seja oferecido aos avicultores a partir de agosto. Acompanhe no BI as informações sobre o desenvolvimento do curso.

Números

Desde 2007, o SENAR-PR já realizou 176 treinamentos em 50 municípios do Estado no curso Trabalhador na Avicultura de Corte – Manejo de Frango de Corte.

Abate

Os números de abate também apresentaram saldo positivo para o Paraná, que desde 2000 já é o maior produtor avícola brasileiro. Segundo o Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Estado do Paraná (Sindiavipar), em 2013 foram abatidas 1,46 bilhão de aves, alta de 4,27% ante ao mesmo período do ano anterior (1,40 bilhão de aves).



Tribunal de Justiça inicia julgamento dos processos AEDEC

Conforme noticiado em boletins passados, a Associação de Estudos e Defesa do Contribuinte e do Consumidor (AEDEC) ajuizou centenas de ações civis públicas em face de produtores rurais paranaenses sustentando a existência de danos ambientais nas propriedades e exigindo, dentre outros pedidos, a condenação

dos produtores na averbação da reserva legal à margem da matrícula do imóvel. A maioria dos processos teve julgamento desfavorável a AEDEC em primeiro grau, quando os juízes reconheceram a série de irregularidades da associação.

Inconformada a AEDEC recorreu ao Tribunal de Justiça e agora começam a ser julgadas as apelações. Após voto magistral do Desembargador Nilson Mizuta, da 5ª. Câmara Cível, o Tribunal de Justiça, no julgamento das apelações 1133054-2 e 1133122-5 manteve a sentença de primeiro grau, confirmando as irregularidades da associação e ainda afirmando que a averbação de reserva legal somente pode ser exigida após a criação e implantação do CAR, nos exatos termos da lei 12.651/2012 (Código Florestal).

O Tribunal ainda condenou a associação em litigância de má-fé por ajuizar ações sem suporte legal, sem qualquer descrição dos alegados danos ambientais, nem das atividades econômicas supostamente prejudiciais à reserva legal, em evidente objetivo de auferir vantagem financeira dos produtores rurais. Veja a decisão na íntegra no link: <http://www.sistemafaep.org.br/tribunal-de-justica-iniciajulgamento-dos-processosaedec.html#sthash.BHUU2o94.dpuf>

A FAEP e a decisão da Justiça sobre o Porto de Paranaguá



de Desenvolvimento e Zoneamento do Porto Organizado (PDZPO), pelo governo federal, que teve a participação de toda a comunidade portuária e foi aprovado por unanimidade. O plano estadual traça as perspectivas de crescimento do Porto de Paranaguá para os próximos 30 anos. Em vez de analisá-lo com critérios, Brasília fez aterrissar de paraquedas estudos feitos pela Estrutura Brasileira de Projetos (EBP), uma consultoria criada pelo BNDES e oito bancos, não só para o porto de Paranaguá mas para outros terminais brasileiros, coordenados pela ex-ministra Gleisi Hoffmann, e que já foram barrados pelo Tribunal de Contas da União.

A FAEP se manifestou de forma veemente em defesa do PDZPO por atender os usuários do porto paranaense, por consequência os produtores rurais do nosso estado. Esse era o melhor e mais coerente caminho para a modernização do Porto de Paranaguá.

De qualquer forma, a decisão da Justiça Federal mostra mais uma vez a incapacidade do governo federal em apresentar soluções práticas e viáveis da emperrada

infraestrutura e logística nacional.”

“Decisão da Justiça se cumpre. É o caso da liminar concedida pela Justiça Federal no último dia 20, que paralisa o processo de licitação de áreas e instalações portuárias de Paranaguá. No entanto, essa medida é resultado do desrespeito e desconhecimento do Plano

Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP



Cafeicultura: sugestões ao Mapa

A Comissão Técnica de Cafeicultura da FAEP se reuniu no último dia 21 de fevereiro, na sede da FAEP com representantes dos ministérios da Agricultura e do Desenvolvimento Agrário, especialistas, técnicos de cooperativas (Cocamar, Cocari, Coopacol, Integrada e Coamo), Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab), Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep), Ocepar, Instituto Agrônômico do Paraná (Iapar), Emater e SENAR-PR. O tema central do encontro foi o futuro da cafeicultura no Estado.

Emergencialmente, devido à estiagem, produtores ru-

rais e técnicos elaboraram sugestões que serão enviadas em março ao Ministério da Agricultura sobre a linha de crédito de Financiamento para Recuperação de Cafezais Danificados. Os técnicos vão descrever os custos de produção de acordo com as operações que os produtores devem fazer nas lavouras e justificar porque os valores precisam aumentar de três para oito mil reais por hectare.

“Os cafezais do Paraná sofreram muito ano passado com duas geadas fortes e em janeiro com a seca. Como os produtores estão descapitalizados devido aos baixos preços de mercado, precisamos de uma linha especial para replantio e adequação das plantações a uma nova tecnologia”, afirmou o presidente da comissão Walter Ferreira Lima.



Novo comando na Comissão de Bovinocultura de corte

O presidente do Sindicato Rural de Guarapuava, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, assumiu a presidência da Comissão de Bovinocultura de Corte no último dia 21. “Nosso trabalho será analisar e buscar soluções para a pecuária paranaense que precisa se inovar para enfrentar um mercado cada mais competitivo”, disse Botelho. O cargo era ocupado pelo presidente do Sindicato Rural de Londrina, Narciso Pissinati.



O arroz de Querência

O Sindicato Rural de Querência do Norte relata que os produtores de arroz da região de Querência do Norte, que plantam no sistema convencional, estão na contagem regressiva para iniciar a colheita da safra 2013/2014. As lavouras estão com bom aspecto e a produtividade deve ser dentro do esperado. Nas áreas mais altas a safra de soja está sendo colhida e o milho safrinha sendo plantado em algumas destas áreas. Constatou-se que a produtividade da soja ficou prejudicada devido a um período de estiagem que as lavouras sofreram.

No Show Rural

Este Boletim publicou as fotos das caravanas de produtores que estiveram no Show Rural, em Cascavel, mas por problemas técnicos os representantes de Querência foram omitidos nos painéis. Na foto os 11 produtores que tiveram a oportunidade de constatar “as várias inovações tecnológicas que é a tendência de futuro, principalmente devido a escassez de mão de obra no campo”, como comentou o presidente do Sindicato Denilson Aita.



2,5 milhões de toneladas perdidas

As perdas



nas lavouras de soja e milho do Paraná ultrapassam 2 milhões de toneladas, conforme balanço divulgado terça-feira (25) pela

Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado (Seab). O volume refere-se somente à quebra na produção de soja, disse o secretário Norberto Ortigara. No caso do milho, o prejuízo é menos expressivo e soma 100 mil toneladas. O órgão acredita, no entanto, que a redução na safra de grãos 2013/14 pode ser ainda maior e chegar a 2,5 milhões de toneladas para os dois grãos.

Isso porque as chuvas que caíram nas últimas semanas não foram suficientes para reverter o déficit hídrico no solo em boa parte das regiões produtoras paranaenses. A redução na previsão de colheita do estado se deve ao calor excessivo e a falta de chuvas registrados especialmente no início deste ano. “Em algumas fazendas, as temperaturas chegaram a 70°C”, comentou Ortigara. Segundo o secretário, a região Norte foi a mais castigada pelo clima neste ano. Em Cornélio Procopio, por exemplo, a quebra foi de 50% no potencial produtivo da oleaginosa.

Segundo maior produtor nacional de grãos, o Paraná pretendia colher 16,48 milhões de toneladas de soja e 5,6 milhões de toneladas de milho nesta temporada.

Drones sobre as lavouras

ESALQ pesquisa uso de aeronaves não tripuladas na agricultura



Desenvolvidas para uso militar, as aeronaves não tripuladas ou “drones” (zangões, em inglês) ficaram conhecidas e ganharam fama pelo uso em ações de espionagem, patrulhamento e bombardeios. Com a popularização e avanço tecnológico, esse equipamento passou a ganhar novas aplicações, inclusive na agricultura, por exemplo. É o que mostra pesquisa desenvolvida pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) na USP, em Piracicaba.

Desde o ano passado, o pesquisador Rubens Duarte Coelho coordena um projeto de pesquisa com a introdução desta nova tecnologia. Segundo ele, “o uso de drones abre um novo horizonte na Agricultura de Precisão (AP)”. Falhas nas plantações, áreas com excesso ou falta d`água e parcelas onde é preciso utilizar agrotóxicos são alguns dos problemas que os drones ajudam a localizar, ao tirar fotos dando rasantes sobre os plantios.

O pesquisador conta que os estudos começaram em áreas experimentais de cana-de-açúcar, café, citros, uva e hortaliças. Sob controle remoto e com uma câmera, o drone pode fazer uma

radiografia da plantação, ou seja, as imagens são utilizadas para formar um mapa da área. “Os dados são então analisados com ajuda do computador e, assim, é possível agir exatamente onde há problemas”, explica.

Para se ter uma ideia, Coelho faz um paralelo com o novo satélite Landsat 8, lançado pelo governo norte-americano em fevereiro de 2013. Segundo ele, a frequência de aquisição de imagens em uma mesma área deste satélite é de 16 dias quando as condições climáticas permitem, sendo que o horário de captura das imagens é fixo às 10h. Cada pixel da imagem do Landsat 8 nas bandas espectrais vermelho, azul e verde representa uma área de aproximadamente 900 m², sendo que na imagem termal (infravermelho) cada pixel representa cerca de 10 mil m².

Para todos os bolsos

Com a utilização do drone voando a uma altitude de 300m, limite máximo de altura autorizado para vôo não tripulado, com câmeras especiais acopladas, tem-se para uma foto de 6 ha de área nas bandas espectrais da radiação visível, cada pixel representando uma área equivalente à tela de um smartphone (49 cm²).

De acordo com Rubens, algumas empresas já oferecem o uso dos equipamentos para monitorar as lavouras através de serviços terceirizados. “Fica mais prático e viável ao produtor contratar um empresa terceirizada”, avalia. Os drones são indicados para pequenas áreas, como informa Rubens: “Uma área maior, por exemplo, vai exigir um equipamento mais caro”. E tem drone para todos os bolsos, a média fica entre US\$ 3 mil a US\$ 100 mil.

O voo inaugural do equipamento aconteceu no início de agosto do ano passado na Fazenda Areão, onde pesquisadores do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Engenharia de Irrigação (INCT-EI) realizam estudos. Para quem se interessou pelo uso do drone, assista o vídeo do primeiro voo, basta acessar:

<http://www.youtube.com/watch?v=ll80FJpJR4M&feature=youtu.be>

BNDES, CEF, Petrobras e Incra bancam o MST

Evento que causou distúrbios em Brasília recebeu R\$ 1 milhão



O BNDES, a Caixa Econômica Federal, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e a Petrobras aplicaram R\$ 1,6 milhão para apoiar o 6º Congresso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), realizado há duas semanas e que culminou com um conflito entre militantes e policiais na Praça dos Três Poderes no dia 12 de fevereiro. O jornal “O Estado de S. Paulo” (24.02.2013) mostrou que a Caixa (R\$ 200 mil) e o BNDES (R\$ 350 mil) destinaram, sem licitação, patrocínios a uma entidade ligada ao MST, a Associação Brasil Popular (Abrapo), para a realização de uma Mostra no mesmo Congresso. A conta corrente da Abrapo no Banco do Brasil aparece no site do MST como destino de depósito para quem deseja assinar publicações do movimento social, como o jornal Sem Terra. Da mesma forma, a Petrobras fechou um contrato de patrocínio, sem licitação de R\$ 650 mil.

No último dia 25, o “Estadão” publicou que o Incra aplicou R\$ 448,1 mil com o mesmo destino. Em nota, o Incra afirmou que os recursos foram aplicados para a contratação da empresa “para montagem de estrutura de feira, transporte de mercadorias e montagem de estandes da Feira Nacional da Reforma Agrária”. A requisição ao governo do Distrito Federal para a cessão da área foi feita pela Abrapo, mesma entidade que recebeu os patrocínios do BNDES e CEF.

O 6º Congresso do MST foi realizado de 10 a 14 de fevereiro

e reuniu 15 mil pessoas. No dia 12, uma marcha organizada pelo movimento saiu do ginásio e percorreu cerca de cinco quilômetros até a Esplanada dos Ministérios. O objetivo declarado era a entrega de uma carta ao secretário-geral da Presidência, Gilberto Carvalho, com compromissos não cumpridos pela presidente Dilma Rousseff na área da reforma agrária. No decorrer da passeata, o grupo de sem-terra integrou-se a petistas acampados em frente ao STF desde as prisões do mensalão, ameaçando invadir a Corte. Depois se dirigiram ao outro lado da Praça dos Três Poderes, rumo ao Palácio do Planalto. Quando os sem-terra romperam as grades colocadas na Praça o conflito começou. Manifestantes atiravam cruzes que faziam parte da marcha, pedras e rojões contra a polícia, que usou bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo e balas de borracha contra os militantes. Ao todo, 30 policiais e dois manifestantes ficaram feridos. No dia seguinte a presidente Dilma Rousseff recebeu em audiência as lideranças do MST. E Gilberto Carvalho declarou solenemente que o governo continuará financiando o MST.

Ele está sendo convocado para explicações pela Frente Parlamentar da Agropecuária que oficiou à Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara nesse sentido.

(Com O Estado de São Paulo)

Adapar no Fundepec

Kroetz relata abertura do mercado russo e campanha de combate à brucelose e tuberculose



Na sua primeira reunião deste ano (26.02), o Fundo de Desenvolvimento da Agropecuária do Estado do Paraná (Fundepec) teve a presença do diretor presidente da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), Inácio Afonso Kroetz. O convite partiu do presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR e do Fundo, Ágide Meneguette. Experiente nos processos de negociações das exportações brasileiras de proteínas, Kroetz abordou três temas: a exportação de carne bovina por dois frigoríficos paranaenses; a visita de um integrante da Organização Mundial da Saúde Animal (OIE sigla em inglês) ao Paraná e a campanha de erradicação da tuberculose e brucelose no Estado.

O presidente da Adapar fez uma avaliação das consequências positivas para o setor produtivo do Estado causadas pela abertura de mercado pela Rússia à carne paranaense. “Os setores de aves e suínos estão bem estruturados em relação à sanidade e por isso lideram as exportações. O governo precisa investir na bovinocultura de corte e leite para colocá-las no mesmo patamar de qualidade e excelência de produção”, disse Kroetz.

Nesse sentido o governo do Estado lança uma campanha para erradicação da brucelose e tuberculose no Paraná. A campanha será coordenada pela Adapar e tem o apoio do Sistema FAEP, Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados do Paraná (Sindileite) e Associação Paranaense de Criadores da Raça Holandesa (APC-BRH).

Para divulgar a campanha e suas metas aos produtores de leite, médicos-veterinários, técnicos, cooperativas, laticínios e outros profissionais envolvidos, a Adapar realizará oito reuniões (veja calendário) no interior do Estado.

A campanha prevê que o produtor de leite vacine e realize testes relativos à brucelose e tuberculose em seu rebanho até o

dia 30 de maio. A partir dessa data os laticínios informarão a Adapar a relação dos produtores que não fizeram os testes e a vacinação. E serão estas as propriedades que serão visitadas pelos fiscais.

Reuniões regionais Adapar

13 de março – Guarapuava – Sindicato Rural de Guarapuava Rua Afonso Botelho, 58 – Trianon (42-3623-1115) | **18 de março** – Maringá (*) | **20 de março** – Campo Mourão – Centro empresarial Avenida Irmãos Pereira, 963 – 2º andar | **01 de abril** – Cornélio Procópio – Centro de Eventos – Parque de Exposições Arthur Hoffig – Rodovia BR 369 km 83 | **03 de abril** – Ponta Grossa – Associação dos Engenheiros Agrônomos dos Campos Gerais – Rua Julia Wanderlei 1376 | **08 de abril** – Umuarama (*) | **10 de abril** – Toledo (*) | **15 de abril** – Pato Branco (*) | **23 de abril** – Curitiba/Paranaguá (*) | ***Locais a serem determinados**



João Luiz Rodrigues Biscaia, Juiz Antonio César Bochenek, Valdir Rossoni, Juiz Anderson Furlan, Desembargador Federal Néfi Cordeiro e Ágide Meneguette

Posse na Apajufe e placa para a FAEP

O presidente do Sistema FAEP, Ágide Meneguette e o diretor financeiro da entidade, João Luiz Rodrigues Biscaia, participaram na noite de segunda-feira (24) da posse da nova diretoria da Associação Paranaense dos Juizes Federais (Apajufe).

O juiz Anderson Furlan, que ocupou a presidência no biênio 2010-2011, reassume a função para os próximos dois anos ocupando o posto do juiz Antônio César Bochenek. Entre as autoridades presentes estava o desembargador federal Néfi Cordeiro recentemente indicado para ocupar o cargo de ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), e o presidente da Assembleia Legislativa, Valdir Rossoni.

Durante a solenidade, a Associação fez a entrega de uma placa ao presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR agradecendo “todo esforço e dedicação para a aprovação da Emenda Constitucional número 73, que institui o Tribunal Regional Federal com sede em Curitiba, ressaltando a fundamental importância de sua atuação durante o processo legislativo”.

A Apajufe representa os magistrados federais do Estado do Paraná, e tem como finalidade defender o fortalecimento do Poder Judiciário e de seus integrantes, o aperfeiçoamento do Estado Democrático de Direito e a plena observância dos direitos humanos,

atuando sempre com sensibilidade e responsabilidade social.

Além da constante busca pela integração entre as demais associações representativas da classe, a Apajufe estimula a cultura do Direito e o aprimoramento da função judicante, através da promoção de cursos, concursos e atividades de aperfeiçoamentos jurídicos, bem como a divulgação de trabalhos e patrocínios aos seus associados.



PATO BRANCO



Posse

Foi empossada a diretoria do Sindicato Rural de Pato Branco em 12 de fevereiro. Foram eleitos: Oradi Francisco Caldatto, presidente; Nilson Antônio Faversoni, Reny Girardi de Lima, Jacir José Dariva, Nelson André Debertoli, vice-presidentes; Leunira Vigano Tesser e Atilio Venturin Sobrinho, secretários; Eucir Brocco e Ivo Polo como tesoureiros. O diretor financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia esteve presente na solenidade.

SANTA ISABEL DO IVAÍ



Posse

No dia 03 de fevereiro foi empossada a diretoria do Sindicato Rural de Santa Isabel do Ivaí. Foram eleitos: Antônio Ademir Gomes, presidente; Dirceu Luiz Prigol, vice-presidente; Nilton Romagna, secretário; e Edson Maso tesoureiro.

JANDAIA DO SUL



Posse

No dia 12 de fevereiro foi empossada a diretoria do Sindicato Rural de Jandaia do Sul. Foram eleitos: Juraci Marconi presidente; Waldemar Puppio vice-presidente; Raul Vignoli secretário; e Erciso Martinelli tesoureiro.

RENASCENÇA



Posse

Foi empossada a diretoria eleita do Sindicato Rural de Renascença no dia 1º de fevereiro. Foram eleitos: Helvetia Maria Rother, presidente; Iracema Maria Strey Peter, vice-presidente; Luiz Zanini, secretário; e Marli Pierina Toscan Siliprandi, tesoureiro. O diretor financeiro da FAEP, João Luiz Rodrigues Biscaia, esteve presente à solenidade.

ABATIÁ



Panificação

O Sindicato Rural de Abatiá ofereceu o curso de Produção Artesanal de Alimentos – Panificação nos dias 27 e 28 de janeiro. Participaram do curso 15 produtoras rurais com a instrutora Maria de Fátima Bueno Bittencourt.

CAMPINA DA LAGOA



Culinária oriental

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa ofereceu nos dias 07 e 08 de fevereiro o curso Produção Artesanal de Alimentos - Culinária Oriental. As aulas aconteceram na sede do sindicato para um grupo de 15 participantes com o instrutor Sérgio Kazuo Kawakami.

MARIA HELENA



Inclusão Digital

O Sindicato Rural de Maria Helena com o apoio da Emater e da Prefeitura realizou o curso de Inclusão Digital – nível avançado - 24 horas no município de Maria Helena. O curso foi dirigido aos produtores e trabalhadores rurais do município. As aulas aconteceram na Escola Municipal de Maria Helena no período de 12 a 14 de fevereiro com a participação de 12 alunos. O instrutor foi Clóvis Palozi.

CASCAVEL



Teatro rural

O Sindicato Rural de Cascavel está inovando o trabalho de comunicação da entidade com o quadro social. Foi montada uma peça teatral que leva às comunidades rurais informações sobre o Sistema FAEP. A peça apresenta os cursos disponibilizados através do SENAR-PR e informa sobre os serviços disponibilizados pelo sindicato rural aos associados. A peça teatral é encenada pelo mobilizador André Lovera e a assistente Vanuza Garcia, com duração de aproximadamente 30 minutos.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

No psiquiatra 1:

Doutor, tenho complexo de feia.
Que complexo, que nada.

No Psiquiatra 2:

O psiquiatra incentiva o paciente:
Pode me contar desde o princípio...
Pois bem, doutor! No princípio eu criei o céu e a terra...

No Psiquiatra 3:

O paciente chega ao Psiquiatra tímido, cabisbaixo:
Doutor, eu tenho dupla personalidade.
Esquenta não, meu filho. Senta aí e vamos conversar nós quatro...

Mingauzinho

A Maizena foi criada em 1840 e chegou ao Brasil em 1874 e sua caixinha amarela não mudou quase nada nos mais de 100 anos de história da Maizena. Tás lembrado daquele mingauzinho de Maizena, leite e canela em pó em cima que mamãe e a vovó faziam (e fazem?). Gotosinho, né?



Olha só!

- A Pedra da Gávea na cidade do Rio de Janeiro é o maior bloco de pedra à beira-mar do mundo.
- A primeira sorveteria do mundo surgiu em Paris em 1660. A primeira do Brasil apareceu em 1835, no Rio de Janeiro.
- A tradição do ovo de chocolate só foi possível graças ao descobrimento da América, quando os europeus conheceram o chocolate. Quem teve a ideia de produzir ovos de chocolate foram confeitores franceses do século XVIII.

Olhos nos olhos

A maneira mais fácil de diferenciar um animal carnívoro de um herbívoro é olhando nos seus olhos. Os carnívoros (cachorros, leões) possuem os olhos na parte da frente da cabeça, o que facilita a localização do alimento. Já os herbívoros (aves, coelhos) possuem os olhos do lado da cabeça para perceber a aproximação de um possível predador. Ou seja, se o bicho te olhar nos olhos, corra.



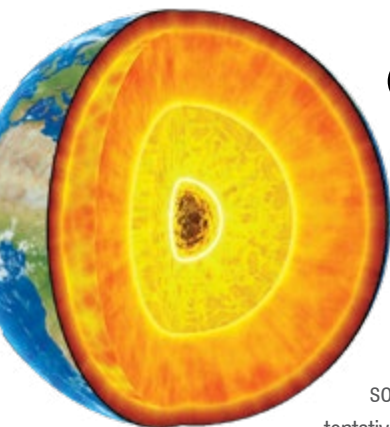
Quantos morreram?

Foram muitos os historiadores tentando decifrar a soma de quantos “Homo Sapiens” já passaram pelo planeta, tendo como partida o aparecimento da Terra de 50.000 a 100.000 anos atrás. Levando em consideração a quantidade de homens que viveram em diferentes regiões durante toda a História, os estudiosos acreditam que o número dos que morreram varia entre: 34 a 105 bilhões de habitantes. Vão calcular mal assim lá no crematório.... Afinal a diferença entre o mínimo e o máximo de falecidos é de apenas 71 bilhões.



Bocejos

Da próxima vez que alguém reclamar de um bocejo seu, pode responder: - “bocejo porque quero prestar mais atenção em você”. Segundo um grupo de psicólogos americanos, essa pode ser exatamente a função do ato de bocejar: resfriar o cérebro para melhorar a concentração. Assim sendo, em vez de preparar o corpo para dormir, o bocejo seria, na verdade, uma maneira de evitar o sono. A notícia foi divulgada no site da revista americana “New Scientist”. E quem reclamou vai bocejar, porque inexplicavelmente o bocejo é contagioso.



Centro da Terra

Uma grande bola de ferro e níquel entre 5.150 e 6.371 km de profundidade forma o núcleo interno da terra. A temperatura atinge 4.900°C. num calor tão alto que a radiação das moléculas emitiria luz. Por causa desse calor infernal e da pressão esmagadora, nenhuma sonda humana jamais atingiu o centro da Terra. A tentativa que chegou mais “próxima” ocorreu na década de 1970, quando pesquisadores russos abriram no país um buraco que atingiu 12 quilômetros de profundidade - uma ninharia perto dos milhares de quilômetros necessários para alcançar o núcleo.

Os beduínos

Muitas vezes, chamamos os povos do Oriente Médio de “beduínos”, mas na verdade eles formam um povo nômade que vive nos desertos naquela região e no norte da África. Os beduínos representam cerca de 10% dos habitantes do Oriente Médio e têm o nome derivado das palavras árabes al bedu (“habitantes das terras abertas”) ou al beit (“povo da tenda”). O mais provável é que essa cultura tenha surgido ainda na Antiguidade, no norte da atual Arábia Saudita.



O maior Arco do Triunfo

Foi construído em Pyongyang, capital da Coreia do Norte, a pior ditadura do mundo, com 60m de altura e 50m de largura. Pra variar homenageia o líder comunista Kim Il Sung e seu papel na luta contra a invasão japonesa entre 1925 e 1945. Sung foi avô do atual ditador Kim Jong-um. Foi inaugurado em 1982. Já o mais famoso – o Arco do Triunfo em Paris – começou a ser construído em 1806, por ordem do então imperador francês Napoleão Bonaparte. Foi inaugurado em 1836, durante o governo do rei Luís Filipe e tem 50 metros de altura e 45 metros de largura.



UM NOIVADO FEITO DE POESIA

O noivo escreveu um poema para noiva um pouco antes do casamento:

Que feliz sou, meu amor!
Domingo estaremos casados,
O café da manhã na cama,
Um bom suco e pães torrados

Com ovos bem mexidinhos
Antes de ir pro trabalho
Tudo pronto bem cedinho
Pra inda ir ao mercado

Depois regressas para casa
Rapidinho arrumas tudo
E corres pro teu trabalho
Para começares o teu turno

Tu sabes bem que, de noite,
Gosto de jantar bem cedo
De te ver toda bonita
Com sorriso franco e querido

Pela noite mini-séries
Cineminhas dos baratos
E nada, nada de shoppings
Nem de restaurantes caros

E vais cozinhar pra mim
Comidinhas bem caseiras
Pois não sou dessas pessoas
Que só comem baboseiras...

Já pensaste minha querida
Que dias gloriosos?
Não te esqueças, meu amor
Quem em breve seremos esposos!

Como resposta, a noiva escreveu um poema para o noivo

Que sincero meu amor!
Que linguagem bem usada!
Esperas tanto de mim
Que me sinto intimidada

Não sei de ovos mexidos
Como tua mãe adorada,
Meu pão torrado se queima
De cozinha não sei nada!

Gosto muito de dormir
Até tarde, relaxada
Ir ao shopping fazer compras
de Visa, tarjeta dourada

Sair com minhas amigas,
Comprar roupa da melhor
Sapatos só exclusivos
E as lingerie pro amor

Pensa bem... ainda há tempo
A igreja não está paga
Eu devolvo o meu vestido
E tu o fraque de gala

E domingo bem cedinho
Ponho aviso no jornal
Com letras bem garrafais:

***HOMEM JOVEM E BONITO**

PROCURA ESCRAVA BEM LERDA

PORQUE A EX-FUTURA ESPOSA

DECIDIU MANDÁ-LO À M...!*****

SISTEMA FAEP



A versão digital deste informativo está disponível no site:

sistemafaep.org.br

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE
CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável